

“Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei

O que vivemos agora não surgiu por acaso. Em 1961, foi fundado o SNOB, que incentivou o surgimento de outros jornaizinhos gays, numa grande e pioneira cadeia de informações e intercâmbio. 27 publicações circularam na época. Destaques no Rio para: O SNOB, LE FEMME, SUBÚRBIO À NOITE e o Boletim da ALIANÇA DE ATIVISTAS HOMOSSEXUAIS, com trabalhos de pesquisa e análises sobre comportamentos sexuais.

Embora tenha sido, como o próprio Agildo Guimarães comenta, um trabalho ingênuo, não se pode deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive em seus recursos de impressão. Há verdadeiras obras de arte artesanais (jornais baianos com um único exemplar feito a mão — DI PAULA), outras mimeografadas, e GENTE GAY, o último (76), trazia reduções e reproduções de fotos por processo xerox e uma diagramação bem atual.

Se a maioria de seus textos versavam sobre amenidades e badalações sociais, também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charges, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos de jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar, e outros.

Lógico que essas publicações diferem muito dos jornais de hoje, mas também têm pontos em comum: é que essas pessoas fizeram o máximo, dentro de suas possibilidades, para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Tiveram dificuldades com família, trabalho e até com a repressão institucionalizada, mas não pararam. Então, não dá só pra gente criticar: eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual e sobre isso têm muito o que contar.

A entrevista foi feita na casa de Anuar Farah (uma verdadeira galeria de arte) e contou também com as presenças de Agildo Guimarães e Marcelo do Auê. Aos dois primeiros, nosso especial agradecimento por terem cedido seus arquivos de “nanicos gays”, preciso material para o levantamento de nossa história. (Lella Miccolis)

L — Eu queria saber como foi o trabalho de vocês naquela época, porque o pessoal às vezes pode pensar que as coisas só começaram a acontecer de 78 pra cá.

AG — O jornal SNOB, pelo que eu conheço, foi o primeiro do Brasil dentro do ramo jornalístico dele. Começou com uma brincadeira, porque nós fizemos um concurso de Miss Traje Típico de Travesti, participamos, e quem esperávamos que ganhasse não ganhou; achamos uma injustiça e então, para protestar, partimos para um jornal, datilografado, numa folha só. Depois virou uma revista, com muitas páginas.

M — Quando foi isso?

AF — Em 61 eu cheguei ao Rio...

AG — E... deve ter sido em 59, 60...

AF — Quer dizer: nós já estamos protestando há mais de 20 anos...

AG — Então partiu daquela brincadeira, e como o negócio foi agradando, nós passamos para o mimeógrafo.

AF — É, porque de início era feito numa folha datilografada: tínhamos reuniões nas casas de cada um, onde líamos o que escrevamos; daí fomos evoluindo.

AG — Nós tínhamos uma turma, o jornal saiu dela; depois começamos a distribuir nos lugares públicos, arranjamos representantes nos Estados (tínhamos colunas estaduais), e foi quando eu conheci o Anuar, ele é de Campos. Uma criatura incrível (não é confete não), somos grandes amigos, mas muitas vezes discordamos.

AF — E de uma briga surgiu o meu jornal...

AG — Bom: depois apareceram outros. Na Bahia, o “Fatos e Fofocas” do Di Paula...

AF — Que era um jornal todo feito à mão, um trabalho maravilhoso.

L — Espera: você disse que de uma briga surgiu o seu jornal...

AF — É, porque eu passei a não concordar com algumas coisas. As pessoas de fora vinham participar da turma e já queriam dar ordens... Aí fundei o jornal e cheguei a fazer uma espécie de “rivalidade” com o Agildo, tipo Emilinha e Marlene, mas por detrás de tudo isso éramos e somos grandes amigos.

L — E qual era o seu jornal?

AF — Era o Le Femme: “o” mulher. Nele eu resolvi lançar uma capa com fotografias. Porque o SNOB ainda era feito com desenho: botava o nome de fulana de tal, que às vezes não tinha nada a ver.

AG — Agora, a concorrência é uma coisa boa: depois surgiu o SUBÚRBIO À NOITE, um jornal muito bem desenhado.

AF — Era do Frank Casparelly.

AG — Em Niterói havia “O Estábulo”, da Dália Lavi. Então cada um foi procurando melhorar, não somente em desenhos, mas também em artigos. As capas do Anuar eram muito bonitas pelas fotografias: ele tirava fotos, depois fazia xerox e todos queriam posar ao vivo...

AF — Com isto me tornei um fotógrafo amador e acho que as melhores fotos de Camille e Rogéria foram feitas por mim. Inclusive, nosso jornal foi o primeiro do Rio a publicar Pelé, nu, tomando banho de chuveiro.

AG — Tínhamos ainda O FELINO, que era do Gato Preto.

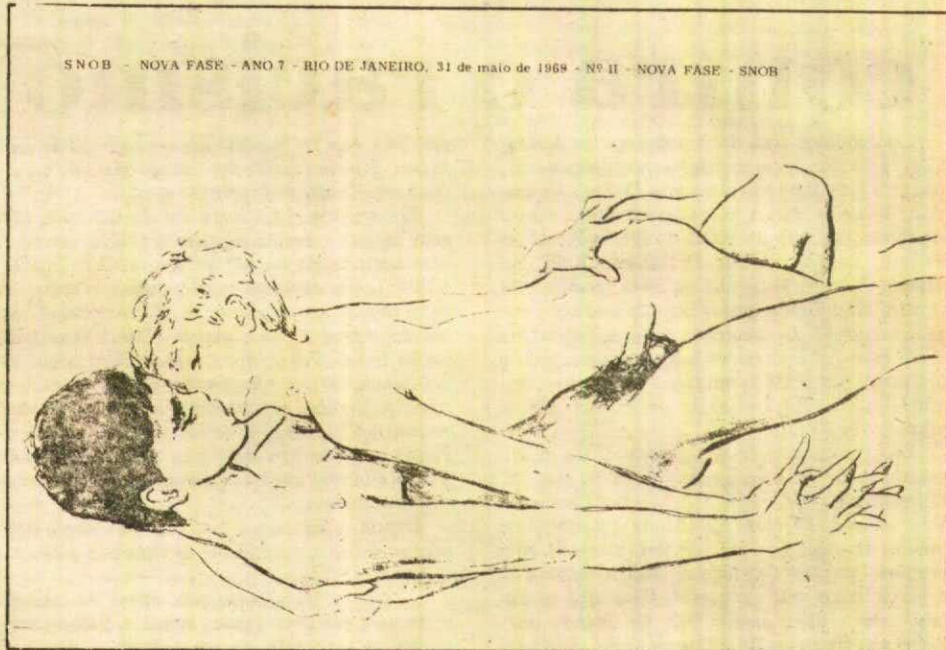
AF — Um jornal de bolso...

AG — Ele ficou famoso pelas suas histórias em capítulos, era a Janete Clair da época (RISOS). Outro jornal de Niterói.

L — Todos mimeografados?

AF — É. Só o meu que era de xerox.

AG — Foram autênticos nanicos... Nós mesmos distribuíamos, inclusive na época da Revo-



lução...

AF — (Em tom irônico) Não fala em Revolução...

AG — Aí foi presa a Karina Berg...

AF — ... hoje famosa, maravilhosa, ela foi o mito negro dos anos 1960...

AG — Atualmente faz dublagem no Bifão.

AF — Ela foi presa naquelas betidas que lavam nos estudantes e como estava com um SNOB, eles apreenderam o jornal, leram e liberaram.

AG — Sim: naquela época fazíamos trocas de jornais com os nossos concorrentes...

L — Então vocês tinham grande intercâmbio...

AG — Tínhamos, inclusive era um movimento social incrível como uma Riotur, porque no nosso calendário gay havia datas importantíssimas: Miss Inverno, Miss Snob...

AF — Esse Miss Brasil que se faz no Carlos Gomes, nós já fazíamos antes, em Niterói.

L — E vocês pararam com os jornais por que?

AG — Paramos no período da Revolução...

AF — ... para ver o que ia acontecer...

L — Vocês tiveram algum problema de repressão?

AF — Quando Karina foi presa com o jornal, eu fui convidado ir ao DOPS, esclareci, mas não havia problema nenhum. Eles acharam interessante o jornal (risos)...

AG — ... Naturalmente tinha leitores lá dentro... (novos risos). Mas quando voltamos outra vez, então aí já dei o nome do jornal de GENTE GAY.

M — Quando foi isso?

AF — Depois da Revolução, em 76.

AG — Um pouquinho antes do Lampião.

AF — Aí, já “assumidos” (olha, você não imagina o pavor que eu tenho desta palavra, saiu sem querer), voltamos com nossos nomes.

L — Qual era o seu pseudônimo?

AF — É segredo... (insisti muito, ele contou, mas juro que serei um túmulo)...

AG — Então, teve um momento em que resolvemos “assumir”, como ele disse. Fizemos uma campanha para adotar outros nomes que não fossem de mulheres.

M — E adiantou?

AG — Não muito... elas são teimosas... Assim houve esse intervalo e apareceu o GENTE GAY, primeiro pequenino, mimeografado, depois com xerox. Anuar fotografava. Tinha inclusive fotos de nus frontais. Mas em Salvador, a turma que também tinha voltado a ativar foi chamada, aí resolvemos por folhinhas em cima do sexo, pra despistar.

AF — A parte mais intelectual do jornal ficava com Agildo. Ele não gosta que se fale nisso, mas numa hora ele foi líder nacional, sem dúvida, criou-se o mito em torno do seu nome.

L — E em termos dos jornais de outros Estados?

AG — Salvador era nosso maior contato: Di Paula, Orlando Andrade. Tínhamos em Minas, Manaus (o Ângelo — Angélica Hoffman). O DARLING, do subúrbio do Rio, era da Georgette de la Cruz. O CENTRO, da Betty Taylor, um jor-

Atenção,

bichinhas e bichonas, sapatilhas e ladys, senhores de vida dupla, senhoras sonhadoras, pessoas, de todos os sexos e idades, portadoras de instintos bestiais, e todos aqueles especialistas nos famosos exercícios pianísticos para cinco dedos: todos os homens que vocês pediram a Deus estão no...

CALENDÁRIO/LAMPIÃO

Modelos incríveis, inteiramente nus, nas poses mais sensuais.

Aguardem! Em todas as bancas do Rio e São Paulo. Nos outros Estados, só atenderemos pelo reembolso postal.

“Homens”

um álbum sem censura

Um álbum com 31 fotos descartáveis de deslumbrantes homens nus. Entre outros, Caetano Veloso, Nuno Leal Maia, Danton Jardim, Ney Mato Grosso, Ignacio de Loyola, Antônio Maschio, Markito, José Márcio Penido, e Zózimo Bulbul. Edição de luxo, com as fotos em papel couché e capa dura. Peça pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro — RJ).

De Vânia Toledo.
Preço: Cr\$ 2.000,00.

TODA NUDEZ!

Um álbum especial, com dez fotos de um rapaz sem preconceitos, para você folhear naqueles momentos de lazer. Todas no mais fiel tecnicolor. Faça agora o seu pedido à Caixa Postal 13005, CEP 20430, Rio de Janeiro, RJ, e receba sua encomenda pelo reembolso postal. Tamanho das fotos: 13x18. Preço: Cr\$ 800,00.

ENTREVISTA

nal muito desbocado, tipo Dercy Gonçalves. SP, engraçado, era um dos Estados de que nunca consegui me aproximar, sei lá porque. Somente há pouco com o Celso Curi, é que tivemos maior contato.

L — E sobre o último jornal de vocês?

AF — Chegamos a fazer o GENTE GAY impresso, saíram dois números, com tiragem de mil exemplares. Mas não continuamos porque não tínhamos uma estrutura comercial (propaganda, distribuição), ele só era vendido em poucas bancas, cidade e Copacabana. Dava prejuízo.

AG — Interessante também eram os troféus: o Snobel (que era o meu — SNOB + NOBEL), Nefertiti, o do CENTRO, Berimbau de Ouro, de Salvador, Lanterna de Ouro, do SUBÚRBIO À NOITE. O Frank, sempre com mania de nobreza, concedia comendas: segundo os graus elas iam subindo. Mas só recebia quem estivesse presente. Como faltei a uma festa em que eu ia subir de grau, acabei por nunca receber nem o troféu... até hoje...

M — Anuar, a primeira vez que ouvi falar de você foi lendo a coluna da Glorinha Pereira, como é o seu relacionamento com ela?

AF — Maravilhoso, gosto muito dela, eu a curto como jornalista, porque era muito audaciosa na coluna e eu faço essa linha assim, arrojada, eu gostava muito de escrever com duplo sentido, tem de ter um pouquinho de pimenta, é isso o que falta no seu jornal, uma coisa fofa pra agradar. E ela fazia esse gênero.

AG — Conta a Noite das Celebidades. (NESTA PARTE ANUAR DETALHO A FESTIVIDADE, INCLUSIVE AS COMENDAS, TODAS EM PEDRAS VERDES DE DOIS TONS: COPA E ÁGUA. OS HOMENAGEADOS DEIXAVAM MOLDES DE SUAS MÃOS NO CIMENTO).

AF — Depois, nós fizemos um buraco no chão, colocamos num tipo de arca do futuro todos os jornais e enterramos no quintal da casa. Pois, construíram um edifício, e para cúmulo da falta de sorte, no lugar do baú ficou a área de serviço...

AG — Ele queria que quando escavassem, descobrissem que ali houve uma reunião de homossexuais... Está enterrado até hoje... Fica na Rua Barão do Amazonas, em Niterói.

L — Além desta, vocês fizeram alguma outra tentativa de reunir o material editado?

AG — Há quatro anos atrás, na casa de um amigo nosso, no Estácio, num fim de semana (foi até o Frank quem organizou) fizemos uma mostra de todo o trabalho: não só dos jornais, mas dos nossos mimeógrafos, troféus, enfim, acabou sendo uma espécie de museu. Foi muito interessante.

L — E a repressão social?

AF — Bom, nessa nossa batalha por um lugar ao sol, eu já tive muitos tipos de problemas por causa do jornal: com amigos, com casos, com família. Agildo, inclusive, teve um muito sério.

AG — Eu trabalhava no Vale do Rio Doce e fazia o jornal lá; eu ficava a título de trabalhar mais e quanto todos saiam eu datilografava o jornal. Mas esqueci um dia na minha gaveta e descobriram. Também não fizeram nada demais, só me mandaram embora.

M — Nada de mais? ... Mais do que isso?

AG — Eu digo assim porque pensei que eles fossem me chamar a atenção, gritar, brigar, naquela época era uma coisa horrível, um escândalo ser homossexual...

L — Ao menos eles devolveram?

AF — Devolveram... o jornal saiu no dia certo. Agora: uma coisa me deixava muito chocado: é quando dizem: "ah, isso é coisa de bichinha". O que é que nosso jornal tem de bichinha? Só porque fala em travesti? Ele sempre teve uma linha.

M — A própria frase: "isso é coisa de bichinha", é preconceituosa...

L — Sobre o movimento homossexual, vocês estão a par?

AF — O que é movimento homossexual? Meia dúzia de viados escandalosos, no meio da rua, com tabuletas, "queremos igualdade, queremos aquilo, eleger fulano, abaixo isso?"... Acho uma anarquia. Agora: se movimento homossexual é esta liberdade que nós temos hoje, essa motivação, esse trabalho honesto que fizemos, você vai ao teatro assiste atuações como as da Camile, da Rogéria, você liga televisão vê textos maravilhosos como o Crime do Castiçal, pega o jornal de vocês e encontra coisas sensacionais, realmente honestas, então isso é o movimento. Mas tem gente que diz que estamos trancados dentro de uma garrafa. Isso é ridículo. Acho que nós estamos atuantes, estamos aí, todo mundo pela rua, um movimento incrível, tudo o que se faz é honesto, aí eu acredito; agora essa questão de política não, não aceito, não existe mesmo.

(AÍ HOVE UM INTERVALO, PORQUE MARCELO, "FERIDO NOS BRÍOS", FEZ UM ENORME RELATÓRIO DO ATUAL MOVIMENTO HOMOSSEXUAL. DEPOIS PROSEGUIMOS):

L — E a turma OK?

AG — Bem, agora é no Centro, está aqui no Bairro de Fátima, mas era primeiro em Copacabana. Pra poder entrar tinha até votação inicial. Ela é da mesma época do SNOB, mas eu não sou sócio fundador. Justamente porque eu fazia parte do jornal é que eles me convidaram e eu fui aceito lá na turma deles. Mas não fazem como vocês que se reúnem para debater um tema: eles se juntam na casa de um, lêem o jornal deles, uma página, debatem o assunto, têm uma colaboração financeira e um patrono ou patronesse da noite, encarregado dos comes e bebes.

L — Agora me fale sobre os lugares de pegação da época?

AG — Havia a Bolsa de Valores, em frente ao Copacabana Palace. É a mesma coisa de hoje, mas com muita celebridade.

O SNOB era distribuído lá. Lembro-me de uma curra que a Baianinha levou. Terrível. Inclusive um bando de bofes batendo em tudo que era viado e mulher que estivesse com eles. Também tinha o Alcazar, em Copacabana, o Alfredo... e no Edifício Central era onde se reunia o nosso jornal, porque o pessoal do subúrbio ficava ali naquela turminha.

L — O Alfredo não era mais para mulheres?

AF — No começo não, teve até o casamento da Marquiza, o primeiro travesti a se casar.

L — Quando isso?

AF — Ah... você nem havia nascido...

AG — E a Cinelândia é a eterna Cinelândia...

AF — Nós nos reuníamos mais em casas. Sempre uma recepção, uma festinha na residência de um. Naquela época era muito difícil, agora sim, o pessoal está ganhando dinheiro nas costas dos gays, boates faturando...

AG — Por falar em boates, havia uma na Galeria Ritz, aquela sim, era só de mulheres...

L — E a ABIG — Associação Brasileira de Imprensa Gay?

AF — Nós fundamos a ABIG com todos os jornais gays editados no Brasil. Eu fui o primeiro presidente, depois o Thula Morgani... Aliás, era

a época em que nos chamávamos por nomes femininos, porque cada um tinha responsabilidade no seu trabalho, hoje ninguém mais se preocupa com isso, é tudo normal. Thula Morgani é um dos melhores maquiadores do Rio: o Gilly: A ABIG durou de 62 a 64. Depois veio a Revolução e acabou.

L — Lá vocês pretendiam só reunir as publicações ou lutar por alguma coisa?

AF — Não, a ABIG foi feita para lutar, porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas as outras faziam. Normais sempre fomos, sem diferenças.

AG — Pois é, queríamos mostrar à chamada sociedade "normal" que éramos tão normais quanto eles.

AF — Atualmente, eu passo no teatro e olho Camile, Marlene Casanova, e penso que há dez anos atrás elas nunca poderiam fazer isso. Daí eu acho que dentro da nossa batalha nós ganhamos a luta em parte, porque hoje, quando eu vejo o jornal de vocês vendido numa banca de revista, aberto, sinto que isto é uma vitória também nossa, também nós lutamos muito por tudo isso, batalhamos bastante.

AG — Naquela época, nosso trabalho estava ainda engatinhando, como numa pré-história, mas ele era feito com muito amor, com um esforço enorme, e agora estamos vendo vocês continuarem. Quando Lampião apareceu, eu escrevi uma carta pro Aguinaldo, dizendo que Lampião era o meu sonho, era exatamente aquilo que eu gostaria para o nosso jornal.

L — O próprio Aguinaldo escreveu que se não fossem todos vocês, talvez o Lampião não tivesse surgido.

AF — Uma das maiores contribuições nossas, na minha opinião, foi, sem dúvida, sairmos dos salões fechados, como chamávamos antigamente nossas casas, e nos apresentarmos em público. (Leila Miccolis)

PUBLICAÇÕES QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA:

• RIO

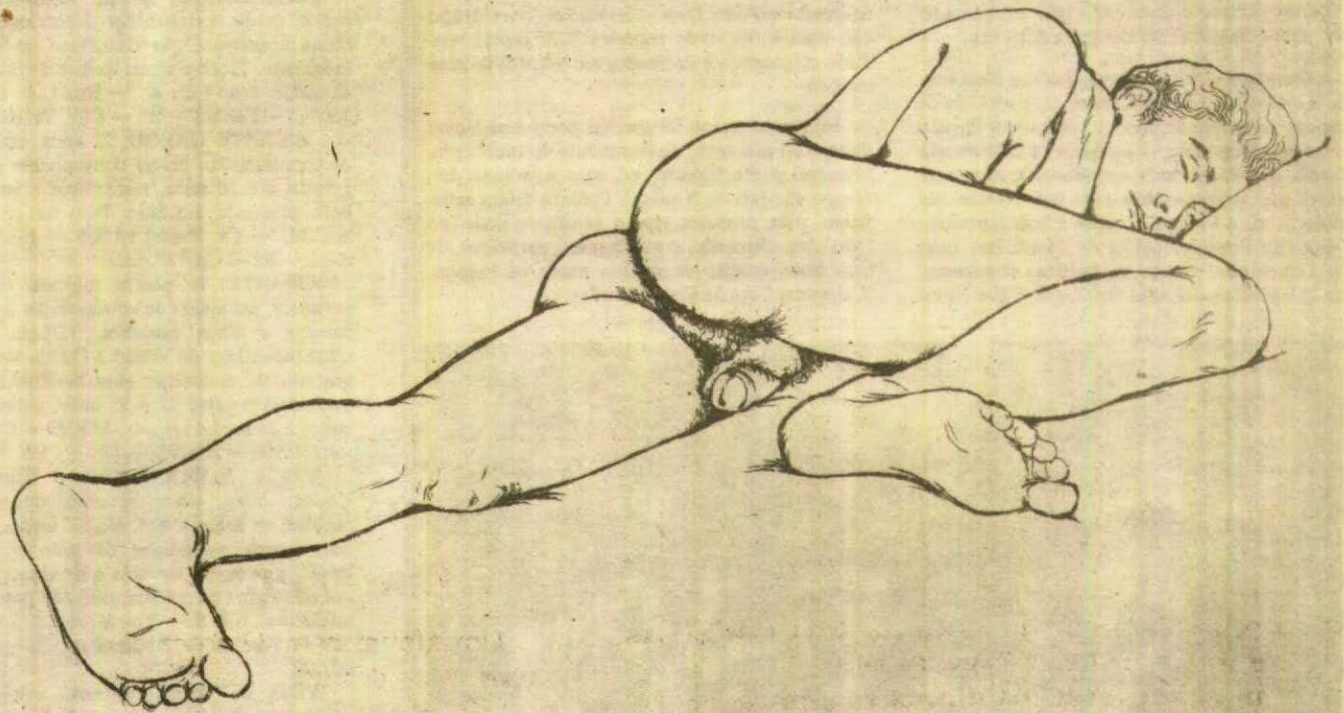
O SNOB, de Gilka Dantas.
LE FEMME, de Bianca Marie.
SUBÚRBIO À NOITE, de Frank Gasparelly.
GENTE GAY, de Agildo Guimarães.
ALIANÇA DE ATIVISTAS HOMOSSEXUAIS e EROS, de Frederico Jorge Dantas.
LA SAISON, de Jéssica Shelley.
O CENTAURO, de Anita Chambareilly.
O VIC, de Katherine Wood.
O GRUPO, de Georgette de La Cruz.
DARLING, de Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães.
GAY PRESS MAGAZIN, de Claude Auger.
20 DE ABRIL, e O CENTRO, de Bette Taylor.
OS FELINOS, de Gato Preto (Niterói — RJ).
OPINIÃO, de Gigi Berger (Niterói — RJ).
O MITO, de Antonio Kalas (Niterói — RJ).
LE SOPHISTIQUE, Adriana Guedes (Campos — RJ).
O GALO (???)

• BAHIA

O GAY e GAY SOCIETY, de Jackie de Maga.
O TIRANINHO, Orlando Andrade.
FATOS E FOCOS, BABY, ZÉFIKO, LITTLE DARLING e ELLO, Di Paula.

LAMPIÃO
Assine agora.

A arte erótica de Darcy Penteado



Com esta gravura de Darcy Penteado prosseguimos com a divulgação de trabalhos eróticos que se enquadram dentro de uma verdadeira e

sadia cultura guei. O autor é conhecido de todos os que lêem LAMPIÃO: artista plástico consagrado, escritor de rara sensibilidade, ele é um

dos editores do jornal. Este seu trabalho, intitulado "Repouso", em tiragem limitada (cem exemplares, numerados e assinados pelo autor), é

imprescindível na sua coleção de Arte. Peça-o já pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031,

CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ). Apenas Cr\$ 1.000,00 a unidade, mais Cr\$ 100,00 de despesas de correio. E ainda estão à venda os últimos exemplares de "Rapaz Reclinado", a serigrafia de Luiz Beltramo com que demos início à nossa coleção de Arte erótica: você também pode pedi-la pelo reembolso. O preço é o mesmo.

LAMPIÃO da Esquina
quinta-feira 01/04/81

Página 7
0 01/04/81